UM!

Para que o mundo creia

Christopher Walker
Luiz Carlos de Arruda Martins
Luiz Montanini

UM!

Para que o mundo creia

Christopher Walker
Luiz Carlos de Arruda Martins
Luiz Montanini

HOE EDIÇÕES

IMPACTO

Entrando na Unidade da Família Divina

Christopher Walker

Qual é o chamamento que o Senhor tem para seu povo hoje? Que comissão ele deseja nos dar? Que desejo está no coração dele e como podemos andar nisso, ouvindo cuidadosamente a sua voz? É isso que queremos discernir, acima de qualquer outra coisa!

Nosso entendimento é que, de modo especial, esse chamamento tem a ver com unidade. Não temos dúvida de que seja o alvo de Deus, o desejo que está no seu coração. Sem unidade, o mundo terá dificuldades para crer que Jesus é o Messias, que foi enviado pelo Pai para nos redimir, e que voltará para trazer paz, justiça, restauração

e harmonia para toda a Terra. Por isso, sentimos uma urgência, uma profunda necessidade de perseguir a unidade, de buscá-la com mais intensidade, e até mesmo de compreender o que ela significa e como pode ser alcançada.

Há algum tempo alguém perguntou para uma de minhas filhas:

— Qual o livro favorito do seu pai na Bíblia?

Ela respondeu na hora que era o evangelho de João, mas depois veio me perguntar se tinha acertado na resposta!

Eu nunca tinha pensado nesses termos. Como posso dizer que uma

parte da Bíblia é melhor do que outra? Difícil você pensar qual é a sua parte favorita das Escrituras. Mas, depois de refletir um pouco, concordei que era mesmo. O evangelho de João me apaixona há muito tempo.

E uma das partes do seu evangelho que sempre me intrigou é quando Jesus afirma que o Pai está nele, que ele está no Pai e que seu desejo é que nós estejamos neles. Isso está especialmente na oração de João 17, mas aparece em outros trechos do evangelho também. Como entender isso? O Filho está no Pai, mas o Pai está no Filho! E o Espírito virá para estar em nós, mas nós podemos estar neles!

Lembro que tentava desenhar, fazer algum tipo de diagrama, para representar essa ligação íntima, mas vi que é totalmente impossível. Não há como representar racionalmente essa misteriosa unidade que Jesus descrevia. Ela é muito mais profunda e muito mais abrangente do que geralmente pensamos.

Há pouco tempo ouvi uma ministração de um pastor norte-americano, Joseph Mattera, sobre esse assunto de unidade em João 17. Em inglês, como em português, existem duas palavras: ***unity*** (união) e ***union*** (unidade). Mas em inglês tem outra palavra que é ***oneness***, a qualidade de ser um. As palavras união e unidade são derivadas da palavra "um", mas passaram a ter algumas cono-

tações diferentes. Unidade, ou ser "um", é mais do que união, ou "estar juntos". União é muito bom, mas não é a mesma coisa que unidade.

Na verdade, quando Jesus falou sobre esse assunto, ele não usou nem ***unidade*** nem ***união***. Ele disse que ele e o Pai são ***um*** (Jo 10.30). Ele falava da qualidade de ser um. É difícil de entender, mas seria algo como: "Assim, Pai, como eu estou em ti e o Senhor está em mim, eles vão estar em nós e o Pai vem para estar neles". Isso é unidade, isso é ser realmente "um".

Andar em união não é ruim. Repetirei aqui a ilustração de Joseph Mattera, que achei excelente. Ele disse que a união é um ponto de

partida, mas é ainda superficial. Imagine um jogo de futebol entre Brasil e Argentina aqui no Brasil, com arena lotada. São 100 mil brasileiros torcendo evidentemente para o Brasil. Isso é união, uma vez que congregou 100 mil pessoas com o mesmo objetivo, que é ver a vitória do Brasil. Agora, acabado o jogo e fora daquele estádio, não há mais unidade alguma; não há identificação política, religiosa, filosófica, estilo de vida, nada. Eles estão juntos no estádio, todos querendo a mesma coisa, torcendo juntos, apaixonadamente buscando o mesmo objetivo, no entanto, com um vínculo extremamente temporário.

Diante desse contraste podemos elaborar uma lista diferenciando

união de unidade a fim de entender melhor o que Deus realmente deseja e qual é o nosso chamamento.

1. União é ***temporária*** e unidade é ***eterna***.

2. União é um ***processo*** e unidade é o ***objetivo final***. Queremos chegar à unidade, para sermos um entre nós e um com o Pai. Não chegamos lá, mas esse é o nosso desejo. Estamos participando do processo de união, mas não nos contentamos com o nível em que nos encontramos. Queremos a excelência, a verdadeira unidade.

3. União depende de um ***evento*** e unidade depende de ***vínculos***. Podemos estar numa conferência

de 150 pessoas ou mais, de vários lugares. E podemos ficar entusiasmados: “Está tão bom aqui, sentimos união com todos, indiferentemente de sua origem ou maneira de pensar”. Porém, é apenas um evento temporário que não depende de vínculos. A união depende de eventos, mas a unidade vai além do evento porque procura formar vínculos. Eu não preciso de vínculo para estar num estádio torcendo por um time. Não preciso de vínculos para estar numa conferência. Eu posso estar numa conferência onde todos se interessam por algo em comum, e isso é bom. Nós vamos a conferências porque queremos ouvir sobre um assunto e acreditamos em seus benefícios. Isso é união e não é ruim nem desnecessário. Re-

presenta uma ação importante, mas se não houver passos subsequentes ela se torna um fim em si mesma. Não haverá frutos permanentes no sentido de unidade porque a partir dali cada qual voltará ao seu caminho individual. Em outras palavras, união é quando as pessoas se juntam em virtude de um interesse comum, mas unidade é quando as pessoas são interligadas e integradas. Não é só um interesse comum, é muito além porque as pessoas começam a ser vinculadas. Portanto, unidade é relacionamento, gera e fortalece vínculos em torno de uma causa que vai além do evento. Até mesmo nos assuntos do reino de Deus podemos ter um interesse comum que é temporário, parcial. Porém, quando estamos na unidade, o

envolvimento integral no reino envolve toda a nossa vida, vai além do interesse isolado.

4. União é ***como começamos***, mas unidade é ***como devemos terminar***.

5. União é baseada em ***encorajamento***, em ***estímulo***, mas unidade envolve um ***propósito***, uma ***causa permanente***. Na unidade as pessoas têm o mesmo propósito. É claro que o estímulo é importante. Não estamos desprezando a união, o que queremos enfatizar, parafraseando Paulo, é que há um caminho sobremodo excelente, mais elevado do que a união, ou seja, a unidade. A unidade vai além de um estímulo porque a união é o começo,

é um evento, é uma campanha. É algo que desperta o interesse num determinado aspecto, enquanto a unidade vai muito além. A união libera um ímpeto temporário. A unidade gera vínculos permanentes.

Antes de minha família vir para o Brasil em 1964, morávamos nos Estados Unidos, em Los Angeles. Eu era criança, mas me lembro de uma cruzada evangelística de Billy Graham que aconteceu em 1963 no famoso estádio Coliseu da cidade. Eu estava lá, tinha 11 anos. Causou um impacto grande, guardo isso na memória.

Íamos ao Coliseu todas as noites da campanha e pude ver as pessoas indo para a frente, respondendo

positivamente à palavra e aos apelos ungidos do evangelista. As campanhas de Billy Graham eram muito bonitas, bem organizadas, que envolviam as igrejas da cidade por várias semanas antes da cruzada. Todas as igrejas eram convidadas a participar, e muitos voluntários de diversas denominações eram treinados. Faziam um trabalho de porta a porta na cidade, convidando as pessoas às reuniões.

Minha irmã, que tinha 15 anos na época, foi treinada como conselheira para ajudar as pessoas que desciam das arquibancadas do estádio para fazer uma decisão pública para Jesus. Cada pessoa deveria ter um conselheiro ao seu lado na hora da oração de entrega e acompanhá-la

nos primeiros passos da caminhada e na integração na igreja local mais próxima de sua casa. Tenho isso como memória preciosa, como exemplo maravilhoso de união.

Eles não tinham essa coisa de representar uma igreja ou uma denominação. Foi um trabalho lindo, uma demonstração fantástica de cooperação e união para levar muitas pessoas a Jesus. Produziu muitos frutos e nunca saberemos quantas pessoas foram transformadas para sempre e quantos relacionamentos permanentes nasceram ali. Mesmo assim, podemos dizer que era uma campanha, uma união temporária em torno de um lindo propósito. Não era ainda uma unidade efetiva. Aquelas campanhas produziam um

ímpeto temporário, não havia um plano ou uma sequência para gerar uma cooperação permanente entre todas as igrejas. Era resultado de um embalo, um impulso temporário. A unidade, por outro lado, libera sinergia que potencializa o propósito maior e é algo permanente.

6. Na união, as pessoas, mesmo quando participam juntas dentro de um prédio de encontros regulares (cultos, reuniões, missas, atividades), ***se conectam umas às outras de maneira bem superficial***. Não criam vínculos permanentes. Conseguem se desligar com facilidade, não sentem muita falta quando saem daquela comunidade, igreja ou família. Na unidade, as pessoas ***se conectam de coração e de men-***

te. Cria-se um vínculo permanente, tornam-se membros uns dos outros.

A questão é que a unidade não acontece de maneira instantânea. É resultado de um processo. Não adianta falar: "Eu não quero união, vamos direto para a unidade!" Como processo, começa com união, com algo que pode ser um evento, até mesmo uma causa, mas só se torna unidade de fato quando experimentamos a conexão de coração e de mente. Ou seja, quando entramos realmente em algo que pode ser chamada de unidade, o relacionamento independe de eventos, de estar no mesmo prédio, de participar da mesma instituição, da mesma denominação, da mesma

comunidade.

No ambiente de uma congregação, de uma igreja, de uma comunidade local, o que se espera é que haja unidade porque, por definição, o convívio ali não é um evento temporário. No entanto, sabemos que é impossível se conectar de coração e mente com 100, 500 ou 1000 pessoas. Além disso, mesmo procurando ter relacionamentos significativos com um número menor de pessoas dentro da congregação, a verdadeira unidade raramente acontece. Podemos fazer parte de uma comunidade e não estar conectado com ninguém nesse nível de coração e mente.

Como o mundo virá a crer? Que

tipo de avivamento estamos esperando? Será que uma grande manifestação de Deus com poder de cura, com milagres sobrenaturais convencerá aqueles que não creem, que não conhecem Jesus?

De acordo com a oração de Jesus em João 17, não será assim. Claro que algumas pessoas passam a crer em Jesus por causa de um milagre, de uma bênção recebida. Jesus disse em João 14 que alguns creriam, não por causa da unidade dele com o Pai, mas por causa de suas obras (v.11). E disse que quem cresse nele poderia fazer obras ainda maiores que as dele.

Porém, em João, 17, ele não disse que o mundo creria quando

houvesse sinais e maravilhas ou quando acontecesse uma grande demonstração da influência da Igreja nos governos ou quando a Igreja estivesse realizando grandes obras. Não. O mundo vai crer quando formos um com ele e um com os outros assim como ele e o Pai são um.

Com esse contraste entre união e unidade em mente, podemos entender melhor o que estamos realmente buscando. Queremos união sim, o processo é importante e necessário, é por ali que tudo começa, mas não nos contentaremos com algo limitado e transitório. Principalmente, não ficaremos contentes com nada menos do que aquilo que o próprio Deus deseja! E a nossa

base para entender o que é unidade é a relação que existe dentro da divindade. A divindade é o modelo para nós, e muito mais que um modelo!

Para ver a relação dentro da divindade, os melhores textos na Bíblia estão no evangelho de João. Embora não seja um termo bíblico, chamamos a divindade de Trindade. Encontramos essa misteriosa pluralidade e unidade da divindade em toda a Bíblia, desde o primeiro capítulo de Gênesis. Porém, sem dúvida alguma, o melhor livro para vislumbrar tais mistérios é o livro de João. E a melhor parte do livro sobre esse assunto são os capítulos de 14 a 17.

Vamos começar com uma pergunta: Por que Jesus veio ao mundo?

Se fizéssemos essa pergunta aos cristãos em geral, poderíamos ouvir várias respostas. E cada uma provavelmente seria correta, mas parcial. A mais comum, com certeza, seria: Jesus veio ao mundo para morrer na cruz, para perdoar os pecados de toda a humanidade. É uma resposta certa, evidentemente. A cruz foi um aspecto central da vinda de Jesus. O próprio Jesus afirmou que veio fazer a vontade do Pai. “Eu vim para o mundo fazer a vontade do Pai.” E a vontade do Pai era a cruz. Jesus precisou tomar aquela decisão agonizante no Jardim do Getsêmani para aceitar a vontade do Pai.

Pode ser um choque para você, mas essa resposta é incompleta e perde de vista o propósito muito maior do Pai.

Em João 14.6, naquele verso que todo mundo conhece, Jesus mostra que ele mesmo é o **Caminho**. Ele é o caminho para onde? Para levar ao Pai. O caminho inclui a cruz, a cruz foi essencial, mas a cruz não é o objetivo! Você consegue entender a diferença?

O evangelho que a igreja em geral prega hoje é exatamente este: que Jesus veio para morrer na cruz para me salvar dos meus pecados. É um evangelho correto, que continua transformando e salvando muitas vidas, mas ainda é um evange-

lho incompleto. As pessoas aceitam que Jesus veio para salvá-las dos seus pecados, mas não entendem que a redenção tem um alvo muito maior: incluir-nos numa família maravilhosa!

Eu posso repetir João 14.6 como uma mera doutrina e não entender o que efetivamente significa Jesus dizer: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida".

E, ainda repetindo palavras de João 14, somos capazes de dizer que Jesus veio para que pudéssemos ir para uma mansão celestial! Não percebemos que quando ele falou sobre moradas no versículo 2, ele não estava se referindo a uma mansão, mas a um lugar na ***casa do***

Pai. Uma grande casa, com vários aposentos, por assim dizer. A casa do nosso Pai!

Para constrangimento nosso, e ainda há quem pense assim, alguns anunciam orgulhosamente que vão morar no céu e andar nas ruas de ouro, que terão uma mansão, mordomias e muita riqueza. Essa é uma visão reducionista e mundana do Reino de Deus. Ao anunciar que vai ter esse ou aquele privilégio, revela-se uma motivação egoísta. Sim, de fato, eu e você vamos estar com ele, mas ele veio para nos levar a uma morada e essa morada se encontra no coração de Deus.

Voltemos para o início do capítulo 1 de João: "No princípio era o

Verbo. E o Verbo estava com Deus. E o Verbo era Deus". Note que o Verbo estava com Deus. Essa palavra "com" Deus, segundo os entendidos no grego, significa face a face. É uma comunhão reservada apenas a quem tem verdadeira intimidade. Isso fica mais claro no versículo 18: "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, ***que está no seio do Pai,*** esse o revelou".

Diante disto, podemos perguntar qual a localização de Jesus neste exato instante. Onde você acha que Jesus está? Algumas traduções tentam se aproximar do seu paradeiro, por assim dizer, localizando-o "junto com Deus", mas este GPS não parece estar bem calibrado. Je-

sus está mesmo é ***no seio do Pai***. É algo para escrevermos na margem da nossa Bíblia. Ele está na intimidade, no seio, no coração do Pai. E ao pensarmos nisso, fica evidente que ainda não entendemos a Trindade.

Costumamos ler de forma um tanto superficial o texto que anuncia Jesus como o Verbo que era Deus, que estava com Deus e é Deus. Não notamos que o Verbo que era Deus tornou-se carne em Jesus fazendo, portanto, de Jesus, Deus. Que ele não só é Deus, mas está com Deus. O que estou tentando enfatizar com isto é o tipo de unidade que Jesus veio mostrar. Que a divindade, que não sabemos explicar por não encontrarmos ter-

mos humanos adequados, é uma **família**.

Não quero discutir aqui a natureza da Trindade, se são 3 pessoas ou não, se são distintas ou apenas manifestações do mesmo Deus. A Bíblia fala que Jesus estava com Deus e que ele era Deus e que quando Jesus foi embora, ele prometeu enviar o Espírito Santo, que seria ele mesmo junto com os discípulos, habitando neles. E foi assim que aconteceu!

Com certeza, todos nós temos muitas perguntas. Na eternidade, veremos uma só pessoa, duas pessoas, três pessoas? Como nos relacionaremos com ele, ou com eles? O que vemos no evangelho de João

e no restante das Escrituras é que é algo muito dinâmico (como tentei explicar no livreto ***A Dança da Trindade***). Em síntese, **a divindade é uma família**.

O que podemos afirmar é que Jesus veio da parte do Pai, do seu lugar de intimidade exclusiva, como o único que conhecia o Pai, com o propósito maior de revelar o Pai. O seu propósito com os discípulos quando esteve aqui na Terra é o mesmo que tem até hoje: revelar o Pai, mas ainda muito mais que isso, ser o Caminho para nos conduzir ao Pai.

Conhecemos bem o texto quatro versos antes de João 1.18: "E o Verbo se fez carne, e habitou en-

tre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade". E o que era essa glória do unigênito do Pai?

Ao ler todo o evangelho de João com a perspectiva de ver nele seu relacionamento com o Pai, entendemos por que Jesus fazia questão de deixar claro que não viera para falar de si mesmo. Sua missão foi nos conduzir ao Pai. Será que não devemos ir a Jesus, então? O que ele estava dizendo?

Em João 14, ele disse que era o Caminho para o Pai. Disse também que quem o via, via o Pai. Mas em João 17, vemos algo ainda mais completo. ***Ele veio para nos introduzir numa família!*** Ele veio nos

conduzir ao Pai, porque ele é a origem de todas as coisas, mas quando chegamos ao Pai, temos acesso a uma família, a uma unidade perfeita que já existe.

Ele não veio só para falar: "Gente, vejam esta família celestial perfeita, podem admirá-la!" De fato, é fantástica, admirável, tremenda, incomparável. É profundamente comovente admirar e pensar em quem Deus realmente é, em quem o Filho realmente é, em quem o Espírito Santo realmente é! Porém, o que é ainda mais estarrecedor é que ele veio com o objetivo de nos introduzir nessa unidade, nessa família perfeita!

Em João 17 é isso que ele está

falando. Ele diz: “Pai, eu quero que eles estejam comigo”. Onde ele estava e onde está? Ele estava e está no seio do Pai. Ele diz: “Eu quero que eles vejam minha glória”. Mas não é só ver. Ele diz: “Eu quero que eles façam parte da glória. Dei-lhes a glória que a mim me deste. Eu quero que eles se sintam participantes”. Ele termina João 17 falando assim: “Para que eles saibam que tu os amas com o mesmo amor com que sempre me amaste”. Você tem alguma noção do que isso significa?

Sabemos que a família natural foi criada para representar a família de Deus. Paulo nos ensina em Efésios 3: “Assim eu me coloco de joelhos, diante do Pai, de quem todas as famílias (ou todas as paternidades) no

céu e na terra, tomam o nome".

Portanto, todas as famílias se derivaram da família divina. Nós somos corrompidos, é verdade, mas a família existe para que esse princípio se reproduza. E o que é o princípio senão que o casal, marido e esposa, se tornam um para introduzir os filhos numa unidade que já existe antes mesmo de nascerem. Quando o filho nasce, ele não tem que fazer esforço nenhum, ele apenas nasce, é acolhido e se torna parte de algo maravilhoso que já existe. É claro que na nossa imperfeição, na nossa disfuncionalidade, nossos filhos não experimentam a perfeição que Deus projetou. Mas essa foi a intenção de Deus quando criou o homem, quando criou a

família.

Nós somos filhos dessa família, fomos criados ou gerados com a mesma imagem, o mesmo DNA do Pai. Paulo usa a expressão “adoção” em Romanos 8 e Gálatas 4, não para dizer que não somos filhos legítimos, que não têm o direito de se sentir plenamente como filhos. A adoção era usada na cultura judaica para se referir à fase de maturidade, ao momento em que o filho assumia plenamente a identidade que ele nasceu para herdar. Isto revela de uma forma linda que toda a humanidade foi chamada para participar da família de Deus, dessa unidade. Quando Paulo fala em Romanos 8 que recebemos o espírito de adoção, não significa que não

somos filhos de verdade. Tampouco que Deus teve dó de nós como crianças abandonadas e nos adotou, mas sim que fomos gerados por ele e que ele nos reconhece como filhos maduros.

Abandonamos a casa do Pai, como o filho pródigo, mas ele nunca nos rejeitou para que não fôssemos mais parte da família. Não teríamos direito de estar lá por causa daquilo que fizemos e por causa do pecado de toda a humanidade, mas nossa redenção por Cristo nos deu o direito de assumir essa posição.

Assim como na família natural, com marido e mulher, na família divina temos o mesmo direito de entrar e participar plenamente dessa

unidade porque aquilo que estamos buscando já existe em Deus. Não é algo que possa ser alcançado com apenas um entendimento teológico ou teórico; só acontecerá por meio de conhecer mais intimamente o Pai por meio do Filho e do Espírito que ele enviou.

O anseio de todos nós é viver na prática a unidade nessa dimensão mais profunda. E isso sempre vai começar com as pessoas mais próximas, a partir das pessoas da nossa família natural, das pessoas que Deus colocou ao nosso lado, tanto na nossa comunidade da fé quanto em outras que ele talvez já tenha mostrado ou que vai mostrar na sua cidade.

Não sei como Deus vai nos conduzir neste processo nos próximos anos. Sim, eventos e conferências são importantes, mas nosso anseio maior é que possamos viver algo mais profundo, seja nas nossas cidades ou com pessoas com quem vínculos divinos serão formados ou aprofundados. Queremos realmente entrar nessa dimensão de ter um só coração.

Sim, reconhecemos que precisamos do processo da união para chegar à unidade. Ela começa com o processo. Mas a união não é um fim em si mesma, ela deve resultar em verdadeira unidade.

O meu relacionamento com meu cônjuge, por exemplo, uma unidade

como casal, pode ser maravilhoso, mas sabemos que existe uma profundidade muito maior, e que ainda não alcançamos. Eu quero alcançar. Quero viver uma unidade mais profunda com minha esposa e viver uma unidade mais profunda com os irmãos que Deus coloca perto de mim e eu deles. Não são pessoas que a gente simplesmente escolhe. Jesus não escolheu os 12 que andariam com ele. O Pai os escolheu.

Portanto, que Deus nos leve a realmente viver esse nível de unidade e que possamos ter sempre essa visão diante de nós, do que é de fato a unidade que ele deseja.

A família divina não é só uma parábola. Mas Deus usa esse mode-

lo da família natural, com os filhos entrando nela automaticamente e vivenciando plenos direitos e deveres num processo que pode levá-los à maturidade, para mostrar a família espiritual. A unidade, ou a maturidade, que os filhos vão alcançar depende muito do nível de unidade que os pais possuem.

Se os pais têm verdadeira unidade, os filhos a sentirão e entrarão nela. Em Cristo toda a humanidade foi resgatada com o objetivo de alcançar e experimentar a verdadeira maturidade. Uma criança nasce na unidade, mas ela não a experimentou conscientemente. É impossível ter uma plena experiência de unidade quando se está imaturo. E não existe maturidade sem unidade. Se

alguém é um apóstolo, tem um ministério "poderoso" e não tem unidade com outras pessoas, ele não é uma pessoa madura.

Ansiamos pela verdadeira maturidade que se manifesta pela unidade que é resultado da nossa inclusão na família divina e da nossa intimidade com Deus!

Sem você eu nada sou

Luiz Carlos de Arruda Martins
e Luiz Montanini

A nuvem ainda é pequena, o cicio, inda suave, mas ambos anunciam nas suas formações e sussurros que é crescente o senso entre os filhos de Deus de que sem o outro eu nada posso fazer. Ainda que a maior parte esteja como que vitimada pela síndrome de Babel e insista em tentar chegar ou se manter no topo da própria torre, já há quem sinta os alicerces começando a trepidar sob seus pés e passe a se perguntar se o Deus a quem diz servir está mesmo naquilo que ele anuncia em seus programas e programações. Sobretudo porque dia a dia ele vê minguando o seu rol, dada a variedade de mercadores e

de produtos disponíveis na praça, online ou presencialmente.

Nós, os dois luízes acima assinados, poderíamos fazer mais críticas aqui, mas entendemos que homens da nova aliança devem andar nela e ser propositivos em relação ao reino de Deus e seus súditos. Não obstante nossas manchas, rugas e demais dermatoses, este é o povo de Deus e nós estamos aprendendo e queremos amar o que Ele ama. E como ama!

Assim, certos de que em breve a nuvem se tornará em densa massa carregada de abundantes chuvas e o cicio suave se transformará em voz tonitruante, preferimos abordar aqui o valor de uma aliança, o

quanto precisamos ser dependentes e interdependentes. E enfatizar a segurança dos vínculos espirituais, ainda que improváveis. Como os de Saulo, ou Paulo — já que era conhecido pelos dois nomes, conforme vemos no verso nove de Atos treze — e Tito, por exemplo.

A atitude de Saulo ao chegar a Trôade (na Turquia de hoje), relatada nos versos doze e treze do capítulo dois da sua segunda carta aos Coríntios, de desistir de pregar o evangelho de Cristo cuja porta fora aberta pelo próprio Senhor, foi inesperada, até certo ponto estranha e possivelmente pouco espiritual aos olhos dos irmãos da igreja local. Afinal ele estava ali não para anunciar uma boa notícia qualquer,

mas a boa notícia do evangelho de Cristo. E não entrara por uma porta aberta por um qualquer, mas pelo próprio Senhor.

E por que motivo ele desistiu, deu tchau aos irmãos e partiu para a Macedônia (na Grécia de hoje)? Porque ficou inquieto, sem descanso no seu espírito por não ter achado ali seu irmão Tito.

Vamos nos deter aqui por um pouco e imaginar juntos. Paulo chega para pregar o evangelho de Cristo por meio de uma porta aberta pelo Senhor e não tem tranquilidade, não tem descanso no seu espírito porque seu irmão Tito não estava lá. Ele não viu a Tito ali e ficou inquieto. Desistiu até mesmo de

pregar e de entrar por aquela porta aberta pelo próprio Deus. Perdoe a repetição, mas queremos dar ênfase a isto. Não era sequer uma questão de autoridade espiritual, algo como não ter se sentido livre porque Paulo era, naturalmente, pai espiritual de Tito, a quem chamava de verdadeiro filho na fé, assim como a Timóteo (Tt 1.4 e 1Tm 1.2), portanto, tinha liberdade para chegar, falar, mudar, deliberar, tinha trânsito livre. Possuía autoridade apostólica para isso. Era um apóstolo maior sobre um menor.

Mas Paulo ficou inquieto porque não encontrou a seu irmão, Tito. Naquele momento, ele não via a Tito como uma autoridade apenas, mas como seu irmão, seu amigo, seu chapa.

Quem foi Tito? Foi um dos companheiros do apóstolo Paulo e um dos líderes mais importantes no início da chamada igreja primitiva. Provavelmente ele também foi um filho na fé de Paulo, talvez convertido em uma de suas pregações (Tt 1.4).

Tito era um apóstolo, viajava muito. Colocava as coisas nos lugares em Creta, estabelecia presbíteros de cidade em cidade, sempre a mando de seu pai espiritual e apóstolo, Paulo, conforme vemos no verso cinco do capítulo um da própria carta que Paulo enviou a ele. Mas, era, sobretudo, parceirão de Paulo. Era seu filho, sim, mas seu amigo. Ali em Trôade, Paulo percebeu que sem Tito, ele nada poderia fazer. E nem queria.

Este episódio mostra a dependência que temos uns dos outros, no espírito, o refrigério e a tranquilidade que outros irmãos trazem ao nosso espírito. Um querido amigo, Robert Walker, conhecido e respeitado como voz profética e coração pastoral, certa vez observou que quando algumas pessoas estão presentes em uma reunião nós temos maior tranquilidade no espírito. Que grande verdade.

Não é apenas uma questão de amizade. Temos amizades, elas são importantes e se um amigo estiver perto de nós, ficamos mais tranquilos. Mas, quando estou perto de alguém ou alguém de mim no espírito o estágio que alcançamos é ainda mais excelente, o vínculo é maior,

é no espírito. Quando encontramos ou estamos com alguém no mesmo espírito, há uma conexão, um só pensamento, uma só motivação e temos maior tranquilidade, liberdade e autoridade para falar e pregar o evangelho de Cristo.

O vínculo no espírito entre Paulo e Tito era mesmo forte. Na Macedônia, logo depois, Paulo também não teve tranquilidade. Ele conta nos versos cinco a sete do capítulo sete da segunda carta aos Coríntios que ali foram atribulados em tudo, com lutas por fora e temores por dentro, mas foram consolados com a chegada de Tito.

Quando estava atribulado, em lutas e temores, Deus consola a

Paulo de que forma? Não vem pessoalmente, não envia um anjo. Envia a Tito. Assim também nós, quantas vezes sentimos falta e precisamos estar perto de alguém e esse alguém nos revigora. Quando estamos perto de quem ou com quem temos aliança nosso espírito se alegra. Não nascemos para viver sozinhos. Nos nossos momentos mais difíceis, perturbadores, de viradas de chave, de agonia, o que mais desejamos é ter nossos amigos mais chegados por perto. O próprio Jesus viveu e mostrou isso com toda a liberdade e demonstração de necessidade de companhia na angústia do Getsêmani.

Nossa interdependência é altamente espiritual. Não é só corpo,

não é só alma, é interdependência no espírito. É o nosso espírito que vai clamar para estar junto com outros que tenham o mesmo espírito.

Talvez aqui esteja um dos "dentes" da chave-mestra, uma das suas combinações que nos ajudarão a entender o que realmente significa o sucesso completo resultante do ato de "dois de nós concordarmos" prometido por Jesus e eternizado em Mateus 18.19. É uma verdadeira concordância. Uma concordância no espírito. Dois na Terra concordam sobre algo que ouviram de Deus, como que ouvindo em sintonia fina o que Jesus está pedindo ao Pai naquele exato instante, oram sobre isso e às vezes agem a respeito aqui na Terra e algo acontece, é

feito, autorizado, pelo Pai, nos céus.

Sim, ainda nem sempre acontece exatamente assim, mas já há sinais apontando para o cumprimento da oração apaixonada e maravilhosa de Jesus em João 17.21: sermos um entre nós e no Pai e no Filho, para que o mundo creia realmente que o Pai enviou a Jesus.

Hoje, no Brasil, já existem movimentações expressivas de cristãos evangélicos com católicos em busca de um só coração em Cristo. Conhecemos vários irmãos que têm estreitado laços de comunhão, com base na unidade que possuem em Cristo e no que Ele nos ofereceu na cruz. Ora, se Jesus estava ali reconciliando consigo o mundo, cer-

tamente ainda mais reconciliados estavam sendo aqueles que professam o seu nome, não importando a origem ou vertente, seja católica, ortodoxa, judaica, evangélica de qualquer matiz ou "tribo", desde que a unidade seja em Cristo.

Em Jerusalém, atualmente, árabes e judeus messiânicos se encontram para adorar a Jesus como o Messias e a viver em comunhão e aliança. Certamente também não é sem razão que este episódio da desistência da pregação de Paulo em Trôade por não ter encontrado Tito é registrado nas Escrituras. Tito não era judeu. Era grego, conforme vemos em Gálatas 2.3. E Paulo, um judeu enviado aos gentios, vai a Trôade, não encontra seu amigo e

não sente paz sequer em pregar ali, em usar a porta aberta pelo próprio Senhor.

Paulo, um judeu, recusa-se a ministrar sem estar ao lado de um grego, um não- judeu. Como isto nos ensina a respeito de unidade, o sermos um, o considerar o outro. Paulo sentia que precisava do equilíbrio de um não judeu com ele e Tito se submetia à autoridade de Paulo sem qualquer problema porque acima disto estava a amizade entre ambos, a fraternidade, a paternidade espiritual. O trabalho, a chamada obra de Deus era feita em conjunto. A glória era de Deus e havia alegria em participarem juntos de tudo. Judeu e não judeu, judeus e gentios, agora membros de um

mesmo corpo, participam juntos da família de Deus e da obra de Deus (Ef 2.15).

Hoje, no Brasil, já há uma movimentação e alguns encontros em busca de unidade entre alguns judeus messiânicos que andavam distanciados entre si e passaram a se procurar e mesmo deles com alguns gentios, alguns "Titos", não judeus. Todos em busca da verdadeira unidade do corpo, cujo único cabeça é Cristo. Não estão sendo ligados por simpatias ou amizades, é muito mais que isso, é muito mais profundo, é no espírito. Estão procurando, sinceramente, aprender a ser um espírito juntos. Aprender a andar nas mesmas pisadas, nas mesmas pegadas. Paulo e Tito an-

davam nas mesmas pisadas (2 Co 2.18). Não necessariamente juntos o tempo todo, mas quando iam, levavam o coração do outro junto.

Já se vê um corpo apostólico sendo formado dentro da pequena nuvem. Uma equipe, um time, um propósito, um projeto, uma célula ou grupo caseiro, uma família em volta de Cristo em cada casa, dois ou três em aliança, edificando e sendo mutuamente edificados, cada um no seu perfil, na multiforme graça e nos dons que Jesus distribuiu aos homens quando subiu ao alto levando cativo o cativeiro e fazendo a partilha. Já se ouve o cicio suave, um burburinho, uma voz doce que nos leva a "ser um" com o outro a ponto de nos encorajar a,

se preciso, no futuro, oferecer nossa vida em favor do outro porque sem você eu nada sou e nada posso fazer.

CONTATO:
Impacto Publicações
Rua Tamoio, 226, bairro Santa Catarina
13466-250 - Americana, SP
+55 19 3462 9893
www.revistaimpacto.com.br
contato@revistaimpacto.com.br
19 99287.7062

HOJE EDIÇÕES

IMPACTO